

para mostrar o quanto abstrata posso ser
abro fendas
cavuco fundo as entranhas cósmicas e
intergaláticas
foda
se
a forma
pra quê
forma
quebra, rompe, desmancha

estou em ebulição desde
que rompi a bolsa plásmica
do ventre sagrado
da Pachamama

sou abstrata demais para as métricas
das rimas
dos contos
dos sonetos
e poesias

o pensamento eleva
em erupção
voa alto

embaixo tudo fica pequenininho
como um monte de pontos insignificantes
opiniões, julgamentos, desigualdades
violências
tudo bem pequeno
como aqueles que reduzem tudo a pau
que não sacia a sede de preenchimento
do meu ser

que desde a fôrma
já é ebulição
urgente
com sede de voar

fico aqui
grudada no chão

sentindo todo o peso da existência

mediocre
humanoide
com ânsia
de viver o que transforma

aquilo que quero
que busco
ainda
sem forma
sem nome
sem categoria
sem nada
n a d a
que possa ser descrito